

## **TERCEIRA PARTE**

### **PROFETAS-MÁRTIRES E POVOS-CRUCIFICADOS**

## 7. Identificação entre Jesus-servo e Oscar Romero

### 7.1. Introdução

O teólogo José Comblin dedica nove páginas do seu livro a profecia na Igreja para fazer um breve relato da vida de Dom Oscar Romero e como foi sua conversão e martírio<sup>818</sup>. Segundo Comblin, Oscar Arnulfo Romero y Galdámez - Dom Oscar Romero - nasceu em Ciudad Barrios, um povoado situado no departamento de San Miguel, vizinho à fronteira com Honduras, numa região montanhosa. Era filho de um empregado do correio e telégrafo do povoado, o qual também trabalhava como camponês. Com uma infância comum fez seus estudos iniciais na Escola do povoado. Já com 12 anos foi trabalhar numa carpintaria local na qual aprendeu a profissão de carpinteiro. Com 14 anos, em 1931, entrou no Seminário Menor de San Miguel. Em 1937, foi para o Seminário Maior de San Salvador dirigido pelos jesuítas. Depois de sete meses no Seminário o bispo enviou-o para estudar em Roma, na Gregoriana, onde permaneceu até 1943. Era um seminarista exemplar para a formação da época. Era tranquilo, reservado, observava o regulamento da formação com perfeição, piedoso e um pouco tímido. Com boa capacidade intelectual, escrevia muito bem e com desenvoltura. Em 1942, foi ordenado sacerdote em Roma<sup>819</sup>.

Ao retornar de Roma, a Padre Oscar Romero foi nomeado pároco de um lugar afastado na montanha. Poucos meses depois o bispo chamou-o para ser secretário da diocese e ainda assim continuou exercendo algumas funções paroquiais. Isso aconteceu até 1967. Foi pároco da Catedral e neste tempo teve de construir uma nova Catedral. Era rigoroso com os deveres de sacerdotes, entretanto, amável e zeloso com as pessoas no exercício do seu ministério. Era conservador e até se debatia com algumas mudanças do Concílio Vaticano II, como tirar a batina. Em 1967, por ocasião do seu jubileu de prata, recebeu o título de Monsenhor. Algum tempo depois foi nomeado secretário da Conferência Episcopal de El Salvador e, no ano posterior, foi feito secretário executivo do

---

<sup>818</sup> COMBLIN, J. *A profecia na Igreja*. São Paulo: Paulus, 2008, p. 208-216. Vejam-se também: COMBLIN, J. *A profecia na Igreja segundo o testemunho de Dom Oscar A. Romero. Convergência*. Brasília, n. 429, p. 180-192, [mar.] 2010. SOBRINO, J. *Com Dom Romero de Deus passou por El Salvador. Concilium*. Petrópolis: Vozes, n.333, p. 86 [693]-95 [703], [2009/5].

<sup>819</sup> *Ibid.*, p. 208.

Secretariado Episcopal da América Central. Por isso, ele foi morar em San Salvador e hospedou-se no Seminário de San Salvador, onde já tinha residido como seminarista maior. Continuava ortodoxo e conservador sem nenhum vestígio profético. Mas, na convivência com os jesuítas fez amizade com o padre Rutílio Grande<sup>820</sup>.

Em 1970, o arcebispo Chávez, de San Salvador, solicitou ao Papa que o elegeisse como bispo auxiliar em sua arquidiocese. Nem agradou a todos, pois se dizia a partir da resistência de Romero às inovações do Vaticano II seria um retrocesso. Ordenação pomposa intrigando a muitos. Depois dessa ordenação episcopal houve uma semana de estudos do documento de Medellín para o clero com o objetivo de aplicá-lo em El Salvador. Ele pouco participou dos estudos. Foi uma semana de debates sobre a pastoral, na qual se rejeitou as conclusões e só depois foi reassumida.

Em 1972, os jesuítas deixaram a direção do seminário em San Salvador e o bispo Oscar Romero teve de assumir a reitoria, entretanto, com seis meses depois o seminário foi fechado por vários problemas. Com isso, Romero ficou mais conservador ainda, pois, entendia como um fracasso pessoal. Aproximou-se da *Opus Dei*. Em 1973, Dom Oscar Romero escreveu e publicou na revista da diocese um artigo contra as mudanças do Vaticano II e de Medellín. Assim, afirma Comblin, “tornou-se porta-voz das queixas das famílias importantes – que não toleravam quando, nos colégios, se falava de problemas sociais<sup>821</sup>”. Em 1974, Dom Oscar Romero foi nomeado bispo de Santiago de Maria. Permanecendo dois anos por lá quando aconteceram vários atentados causando morte aos camponeses. Tudo leva a crer ter sido neste tempo o primeiro sinal de sua transformação. Ficou inquieto com os acontecimentos e resolveu escrever ao presidente da República. Em 1975, Dom Romero escreveu ao Papa pedindo a beatificação de José Escrivã y Balaguer, morto há pouco tempo. Ainda neste mesmo ano foi nomeado um dos três consultores latino-americanos da Comissão Pontifícia para a América Latina, presidida pelo então cardeal Baggio. Era um cargo de confiança da Cúria Romana. Em Roma, assistiu a uma conferência de Alfonso López Trujillo falando dos efeitos nefastos da politização e do emprego do marxismo na Igreja latino-americana. Ficando impressionado com a conferência e ao retornar escreveu um

---

<sup>820</sup> Ibid., p. 209.

<sup>821</sup> Ibid., p. 210.

memorando apontando os perigos que poderia acontecer na Igreja de El Salvador. Em primeiro lugar, apontou a universidade UCA (Universidade Centro América) dos jesuítas, onde estava o padre Rutilio Grande e a nova cristologia, mas, segundo Comblin, não citava Jon Sobrino. Em segundo lugar, apontou o Secretariado Social e a Comissão de Justiça e Paz. E por fim, eram os próprios padres e religiosos e leigos comprometidos na evangelização e na causa dos oprimidos. Eram três pontos de subversão, pois usavam a análise marxista para evangelizar. Em 06 de agosto de 1976, Dom Romero foi encarregado de fazer a homilia na presença das autoridades, quando atacou publica e duramente a Teologia da Libertação<sup>822</sup>. Isso sem dúvida agradou as autoridades.

Em 1977, o arcebispo Chávez renunciou, depois de 38 anos na cátedra. O papa escolheu Dom Oscar Romero para ser o sucessor de Chávez. Essa nomeação foi no dia 21 de fevereiro, um dia após a eleição presidencial de El Salvador, a qual foi fraudulenta e por isso provocou uma onda de protestos da população. Houve um acirramento das forças armadas com represália matando os colonos camponeses com crueldade extrema segundo descrição Jon Sobrino em seu livro *Jesus, o Libertador*<sup>823</sup>. A posse de Dom Romero teve de ser cancelada e remarcada. No dia 05 de março, houve a primeira reunião dos bispos com o clero de *El Salvador* após a eleição presidencial. Naquela reunião, os bispos com todo o clero elaboraram uma carta de protesto contra o novo governo por causa das matanças de camponeses, pelas agressões a sacerdotes e pela expulsão de sacerdotes estrangeiros. Os bispos e, entre eles Dom Romero, denunciaram as injustiças sociais. Entre estes atropelos, Dom Romero convocou todo o clero para uma reunião no dia 10 de março para se inteirar completamente e o que se deveria fazer conjuntamente naquelas circunstâncias de tantas mortes de colonos camponeses. O padre Rutilio Grande compareceu a esta reunião, porém na volta foi atingido com balas de alto calibre. Naquele retorno foi “martirizado” o padre Rutilio Grande e com ele também um ancião e um jovem, os quais o acompanhavam. Esse foi um forte sinal da conversão de Dom Oscar Romero como afirma o teólogo José Comblin:

Assim começou a nova vida de D. Oscar Romero. [...] Abriu os olhos para a realidade. Descobriu que as declarações do governo eram mentirosas e que as

<sup>822</sup> Ibid., p. 211.

<sup>823</sup> SOBRINO, J. *Jesus, o Libertador, op. cit.*, p. 369.

forças de repressão matavam arbitrariamente milhares de pobres que defendiam o que orientava a doutrina social da Igreja. Os latifundiários mentiam quando legitimavam as matanças que faziam. [...] A Justiça era corrompida e ficava silenciosa diante das mortes, das torturas e das violações dos direitos humanos contra os camponeses pobres<sup>824</sup>.

Foram três anos de pregação do Evangelho com denúncias fortes do sistema opressor e desumano, o qual matava a população sem nenhuma preocupação de que estava matando o próprio povo daquela pátria. Dom Oscar Romero enfrentou corajosa e honradamente as autoridades militares e os latifundiários. Foi perseguido, caluniado, insultado, ameaçado até pela própria instituição Igreja – como no caso do núncio apostólico de El Salvador – entretanto o Papa Paulo VI sempre o animou e o encorajou a levar a frente sua missão<sup>825</sup>.

José Comblin o compara ao profeta Jonas, o qual resistiu a ser um profeta<sup>826</sup> e diga-se também do profeta Jeremias, para o qual Deus foi mais forte na sedução (Jr 20, 7). Perante aquela cruel realidade de opressão, injustiça e violência. Pode-se dizer, acertadamente, Oscar Romero é tocado por Deus e começa sua caminhada de transformação. Foi um profeta sendo a “voz dos que não têm voz” tanto com a palavra falada, escrita e anunciada na Rádio da Arquidiocese. Participou ativamente da Conferência de Puebla, em 1979, onde já se sabia da iminência de seu martírio<sup>827</sup>, mas não desistiu de sua missão. Já era naquele momento da Assembleia venerado como futuro mártir. Por isso, Comblin afirma ser Puebla o “Getsêmani” de Dom Oscar Romero.

No dia 23 de março de 1980, Dom Romero fez uma homilia se dirigindo aos soldados, os quais matavam por ordem dos superiores hierárquicos. Eles por se dizerem cristãos, Dom Oscar Romero expõe as seguintes palavras:

Irmãos, vocês são do mesmo povo, matam os seus próprios irmãos camponeses e diante de uma ordem de matar que dá um homem, deve prevalecer a Lei de Deus que diz: ‘Não matar’. Nenhum soldado está obrigado a obedecer uma ordem contra a Lei de Deus. Uma lei imoral, ninguém deve cumpri-la. Já está na hora de recuperar a sua consciência... A Igreja, defensora dos direitos de Deus, da Lei de Deus, da dignidade humana da pessoa, não pode ficar calada diante de tanta abominação. Queremos que o governo leve a sério o fato de que nada servem as reformas se estão tingidas com tanto sangue. Em nome de Deus e em nome deste

<sup>824</sup> COMBLIN, J. *A profecia na Igreja, op. cit.*, p. 211-212.

<sup>825</sup> *Ibid.*, p. 212.

<sup>826</sup> *Ibid.*, p. 208.

<sup>827</sup> *Ibid.*, p. 214.

povo sofrido, suplico-os, rogo-lhes, ordeno-lhes em nome de Deus: Acabem a repressão!<sup>828</sup>

No dia posterior, em 24 de março de 1980, enquanto ele proferia sua homilia na missa celebrada numa capela de irmãs, um assassino atirou acertando-o com uma bala mortal. Ele caiu e poucos minutos depois morreu. Nenhuma justiça foi cobrada do assassino, o qual “continua vivendo tranquilamente nos Estados Unidos<sup>829</sup>”.

#### 1.1.1.7.2. Mística encarnacional de Oscar Romero

A base teológica dessa identificação entre Jesus-servo de Deus e Oscar Romero no contexto da Cristologia Latino-americana e mais precisamente de cunho sobriniana só pode ser a mística. Uma fundamentação teológica serve de fio condutor. É a mística do apóstolo Paulo, a qual é uma herança espiritual dos verdadeiros descendentes de Abraão. Há uma identificação mística pela fidelidade<sup>830</sup> entre Deus e os fidedignos filhos de Abraão.

No Antigo Testamento, a espiritualidade de aliança manifesta Deus como esposo e Israel como a esposa num esponsal (Os 2, 16.21-22). A oração de Moisés na montanha sagrada leva-o a transfigurar seu rosto pela presença luminosa de Iahweh. Quando se contempla sua glória, morre para si mesmo e se transfigura pela realidade maior, o próprio Deus. Responde Iahweh para Moisés: “Não poderás ver a minha face, porque o homem não pode ver-me e continuar vivendo” (Ex 33, 20). Moisés quando desceu da montanha sagrada seu rosto resplandecia a glória de Deus (Ex 34, 29-31). Na linguagem esponsal do poema “Cântico dos Cânticos” manifesta-se a mística da identificação entre o amado e a amada num constante enamoramento e esponsal e quando um se perde para dentro do outro. Em se tratando da condição antropológica do ser humano, o teólogo de grande autoridade no assunto é Rahner. Para ele, o ser humano não pode ser visto fora de Deus até mesmo se se encontrar num estado de alienação contendo ambiguidades

<sup>828</sup> Mons. Oscar A. Romero. *Su pensamiento* VIII, p. 884. Apud: COMBLIN, J. *A profecia na Igreja, op. cit.*, p. 215.

<sup>829</sup> COMBLIN, J. *A profecia na Igreja, op. cit.*, p. 216.

<sup>830</sup> MURPHY-O'CONNOR, J. *Paulo de Tarso: História de um apóstolo*. São Paulo: Paulus; Loyola, 2007, p. 155.

como afirma Paul Tillich<sup>831</sup>. O ser humano só pode ser falado em relação ao Mistério absoluto. Por isso, põe-no no sentido mais profundo, fundamental e teleológico do ser humano. Destarte, só se pode pensar ser humano provindo de Deus, redimido por Deus (Jesus) e tendo seu destino último em Deus, assim, “ele se perde para dentro de Deus<sup>832</sup>”. No Novo Testamento, alargam-se as fortes experiências místicas de identificação esponsal entre Jesus Cristo e seus seguidores e seu povo constituído como Igreja. É importante, primeiramente, perceber essa identidade mística entre Jesus e seus seguidores como pessoas, individualmente, e depois a identidade mística entre Jesus sua Igreja como “corpo místico”.

Em primeiro lugar, Jesus e seus seguidores, individualmente. Rasgam-se novos horizontes místicos, de forma especial, a partir do apóstolo Paulo. A primeira experiência mística está no escrito aos gálatas: “De fato, pela Lei morri para Lei, a fim de viver para Deus. Fui crucificado junto com Cristo. Já não sou eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim” (Gl 2, 20a). Murphy-O’Connor põe uma identidade mística entre Cristo e Paulo e a comunidade<sup>833</sup> para configurar o seguimento de Jesus. Ter fé é viver em fidelidade com Cristo até o auto-sacrifício da cruz. Seguir Jesus implica ser crucificado com Ele e sendo crucificado com Ele por causa da fidelidade por amor passa a ser como Cristo, uma quase espécie de “simbiose esponsal mística”. Observe-se que em Gl 2, 20, a primeira parte do versículo mostra Cristo vivendo em Paulo. Quem vive em Paulo é Cristo e vice-versa: “Já não sou eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim” (Gl 2, 20a). Na segunda parte do versículo sinaliza Paulo, homem concreto e histórico em Cristo: “Minha vida presente na carne, vivo-a pela fé no filho de Deus, que me amou e se entregou a si mesmo por mim” (Gl 2, 20b). Não é uma espiritualidade desencarnada e dicotômica entre espírito e carne, mas na própria carne Paulo vive pela fé em Jesus e este vive em Paulo pela “fé/fidelidade<sup>834</sup>” testemunhal do mesmo Paulo.

Em segundo lugar, Jesus e sua Igreja como “corpo místico”. Duas cartas são suficientes para se compreender a correlação entre Jesus e seu “corpo

<sup>831</sup> TILlich, P. *Teologia Sistemática, op. cit.*, p. 339ss.

<sup>832</sup> RAHNER, K. *Teologia e Antropologia*. São Paulo: Paulinas, 1969, p. 155.

<sup>833</sup> MURPHY-O’CONNOR, J. *Paulo de Tarso, op. cit.*, p. 155.

<sup>834</sup> *Ibid.*, p. 155.

místico”. A primeira é a carta aos gálatas quando fala de todos os batizados revestidos de Cristo, todos iguais formando uma unidade corporificada em Cristo Jesus: “Vós todos sois filhos de Deus em Cristo Jesus, pois todos vós, que fostes batizados em Cristo, vos vestistes de Cristo. Não há judeu nem grego, não há escravo nem livre, não há homem nem mulher; pois todos vós sois um só em Cristo Jesus” (Gl 3, 26-28). Paulo, cheio de Cristo, possui a capacidade de alteridade, de ser um com Cristo (Gl 2, 20) e de ser um com os outros para atrair para Cristo da mesma forma como Cristo o atraiu para si:

Ainda que livre em relação a todos, fiz-me o servo de todos, a fim de ganhar o maior número possível. Para os judeus, fiz-me judeu, a fim de ganhar os judeus. Para os que estão sujeitos à Lei, fiz-me como se estivesse sujeito à Lei – se bem que não esteja sujeito à Lei –, para ganhar aqueles que estão sujeitos à Lei. Para aqueles que vivem sem a Lei, fiz-me como se vivesse sem a Lei – ainda que não viva sem a Lei de Deus, pois estou sob a lei de Cristo –, para ganhar os que vivem sem a Lei. Para os fracos, fiz-me fraco, a fim de ganhar os fracos. Tornei-me tudo para todos, a fim de salvar alguns a todo custo. E, isto tudo, eu o faço por causa do evangelho, para dele me tornar participante (1Cor 9, 19-23).

É evidente que existem outras ideias de Igreja. Em Paulo, a Igreja é pelo menos três grandes dimensões<sup>835</sup>:

Em primeiro lugar está o “Povo de Deus”. Só ocorre duas vezes em Paulo em citações do Antigo Testamento: Em Rm 9, 25s, citando Oséias para falar do novo povo de Deus, agora nascido da fé em Cristo, as “nações” e os “gentios” convertidos a Jesus: “Chamarei meu povo àquele que não é meu povo e amada àquela que não é amada. E acontecerá que no lugar onde lhes foi dito: vós não sois meu povo, lá serão chamados filhos do Deus vivo” (Is 4, 3). E em 2Cor 6, 14ss: Tanto fala da Igreja como o Povo de Deus como do Templo de Deus. Paulo chama a atenção para o testemunho cristão num mundo de ídolos e do mal: “Não formeis parelha incoerente com os incrédulos. Que afinidade pode haver entre a justiça e a impiedade? [...] entre a luz e as trevas? [...]. Ora, nós é que somos o templo do Deus vivo como disse o próprio Deus: *Em meio a eles habitarei e caminharei, serei o seu Deus e eles serão o meu povo...*” (2Cor 6, 14-16).

Em segundo lugar, está a Igreja como Corpo de Cristo. Na perspectiva de integração não se separam essas dimensões eclesiais. Não são três Igrejas, mas

<sup>835</sup> SCHLIER, H. A eclesiologia do Novo Testamento. In: FEINER, J.; LOEHRER, M. (Org.) *Mysterium Salutis*, v. 4, 1, Petrópolis: Vozes, 1975, p. 125ss.

dimensões de uma mesma Igreja da Santíssima Trindade. A Igreja como povo de Deus é conceito muito importante em Paulo. Organiza-se em carismas e ministérios provindos do Espírito em Cristo Jesus. Por isso, forma um “corpo místico em Cristo”, onde Cristo é a cabeça e a Igreja seus membros. É a dimensão carismática da Igreja. Nas cartas, mais precisamente em 1Cor 12 e Rm 12 manifestam bem essa dimensão carismática eclesial, revelando a plenitude dos carismas na Igreja tendo Cristo como cabeça de Igreja<sup>836</sup>.

Destarte Paulo, ao compreender a Igreja como corpo de Cristo, manifesta a estreita e inseparável ligação entre Cristo e sua Igreja. Estabelece uma relação de sponsal, de aliança, de comunhão. Jesus Cristo é a Inteligência, a Sabedoria e a Vida da Igreja. Os membros (Igreja) não podem viver sem a cabeça (Cristo). Esses membros são também os carismas do Espírito e os ministérios para servir ao Corpo místico de Cristo. Corpo místico de Cristo quer demonstrar a pluralidade na unidade e vice-versa. Carismas são suscitados pelo Espírito para se servir a comunidade na unidade de Cristo-cabeça. Por isso, Igreja corpo de Cristo é pneumática cristológica e vice-versa<sup>837</sup>.

Por fim, em terceiro lugar, está a Igreja Templo de Deus. Paulo é incisivo: “Não sabeis que sois templo de Deus e que o Espírito de Deus habita em vós? Se alguém destrói o templo de Deus, Deus o destruirá. Pois o templo de Deus é santo e esse templo sois vós” (1Cor 3, 16-17). Essa afirmação pode-se interpretá-la tanto “pessoa” como “Igreja”. Aqui se usa como Igreja e sem ambiguidades do termo. A Igreja não é somente oriunda da Trindade, mas hospeda a Trindade. É Templo da Trindade: “Que há de comum entre o Templo de Deus e os ídolos? Ora, nós é que somos o templo do Deus vivo, como disse o próprio Deus: *‘Em meio a eles habitarei e caminharei, serei o seu Deus e eles serão o meu povo’*” (2Cor 6, 16). Templo como edifício santuário, mas no sentido simbólico:

Já não sois estrangeiros e adventícios, mas concidadãos dos santos e membros da família de Deus. Estais edificados sobre o fundamento dos apóstolos e dos profetas, do qual é Cristo Jesus a pedra angular. Nele bem articulado, todo o edifício se ergue como santuário santo, no Senhor, e vós, também, nele sois co-edificados para vós serdes habitação de Deus, no Espírito (Ef 2, 19-22).

<sup>836</sup> Veja-se: Ef 1, 22s; 4, 12.16; 5, 23.30; Col 1, 18.24; 2, 19.

<sup>837</sup> MORAES, E. A. R. Os desafios para a Igreja latino-americana no século XXI. Disponível em: <<http://www.cnl.org.br/pub/publicacoes/d5491e25d77c61114522c972030138e7.doc>>. Acesso em: 11 mar. 2009. Esta teóloga está baseada na eclesiologia de Yves Congar.

Destarte, a imagem da Igreja como “corpo místico de Cristo” parece ser destacada, pois é uma Igreja carismática e missionária. Carismas e ministérios formam a índole da Igreja em Paulo. “Corpo místico de Cristo” parece ser o lugar teológico a partir do qual Paulo faz sua eclesiologia e cristologia. Pelo batismo no Espírito forma-se o “Corpo místico de Cristo”. Ora, deve-se perceber claramente a correlação entre Cristo e seu corpo que é a Igreja e acrescentando a presença do Espírito Santo. Pode-se compreender a correlação existente entre as três dimensões formando a única Igreja como Mistério provindo da Trindade (LG 1). Uma Igreja cristológica pneumática, a qual tem sua origem no Pai é, simultaneamente, uma Igreja pneumática cristológica. Depende do enfoque dado, primordialmente:

Com efeito, o corpo é um e, não obstante, tem muitos membros, mas todos os membros do corpo, apesar de serem muitos, formam um só corpo. Assim também acontece com Cristo. Pois fomos todos batizados num só Espírito para ser um só corpo, judeus e gregos, escravos e livres, e todos bebemos de um só Espírito. [...] Ora, vós sois o corpo de Cristo e sois os seus membros, cada um por sua parte. (1Cor 12, 12-13.27).

Estes textos lidos nesta perspectiva parecem mostrar a correlação da figura de Jesus como Servo de Deus com seus seguidores como Igreja-comunhão e vice-versa. Com isso, quer-se demonstrar o esquema teológico de Jon Sobrino, nesta perspectiva, mostrando-se interativo entre três pólos. Ele jamais pensa algo isolado, mas uma realidade está sempre tecida correlativamente com outra ou dentro de uma grande rede sistêmica formando um todo. Assim sendo, Jesus como servo de Deus está sempre correlacionado com seus seguidores, sejam eles Profetas e mártires, sejam os povos crucificados. Em se tratando dos Profetas-mártires, Sobrino destaca, entre vários, um, o qual se tornou símbolo de uma evangelização libertadora na América Latina: Oscar Romero<sup>838</sup>.

Jon Sobrino faz uma “identificação mística” de Dom Oscar Romero com Jesus, o Cristo-servo, quando associa as características de ambos. Vê neles os mesmos sinais teológicos do Servo de Iahweh. Como num triângulo as faces se correlacionam: Servo de Iahweh, Jesus Cristo e Dom Oscar Romero. Ele

<sup>838</sup> SOBRINO, J. *Oscar Romero: Profeta e mártir da libertação*. São Paulo: Loyola, 1988.

sistematiza quatro características: “encarnação, missão, cruz e ressurreição<sup>839</sup>”, entre Jesus-servo e o mártir Oscar Romero, as quais bastam para assegurar a asserção. Há uma diferença com Jesus: Este é em si mesmo “realidade última” para aonde todos os seres humanos se destinam.

A encarnação quando Dom Oscar Romero, assemelhando-se a Jesus ao assumir a história humana (Jo 1, 14), também assume a realidade salvadorenha<sup>840</sup>. Como em toda a América Latina, a realidade salvadorenha é de dominação por parte de elites ricas e poderosas esmagando a maioria de empobrecidos. Jon Sobrino ao analisar o tempo de Romero afirma haver verdadeiros *anawins* – encurvados sob o peso de uma carga – como: gente pobre ao extremo vivendo uma vida de misérias, prestes a morrer de fome ou de opressão, sem nenhuma dignidade, insignificantes, excluídos da sociedade. Havia os “sem voz e sem vez”, sem seus direitos, além de uma repressão militar desumana e cruel, a qual, Dom Oscar Romero classificava como um império do inferno agindo de forma aberrante quando dizia: “Massacrar, torturar, jogar pessoas de cima de um helicóptero no ar. Esse é um império do inferno<sup>841</sup>”.

O Evangelho de João ao escrever a encarnação de Jesus, não só no sentido da “carne”, mas na dimensão do *sarx*, que quer dizer: “o débil da carne”, e Dom Oscar Romero afirmando este último “não se encarnou, simplesmente, na realidade salvadorenha, senão no mais débil dela, em sua dor, pobreza, sofrimento, opressão e repressão aos pobres<sup>842</sup>”. Num sentido místico Romero, mesmo sendo bispo da Igreja, “não se apegou” a este *status*, porém viveu sua *kênosis* encarnatória – como o Filho de Deus – quando optou de maneira solidária, o viver no meio dos empobrecidos, desumanizados e perseguidos da história. Dom Oscar Romero viveu real e solidariamente o ser pobre no meio dos pobres.

### 7.3. Missão evangelizadora de Dom Oscar Romero

A missão de evangelizar como Jesus pregando o Reino de Deus. Foi isto que Dom Oscar Romero assumiu mediante a Palavra e ações quando mergulhou

<sup>839</sup> SOBRINO, J. Monseñor Romero: Cristiano y salvadoreño. *Revista Latinoamericana de Teología*, v. 17, n. 49, p. 27, [abr.] 2000.

<sup>840</sup> *Ibid.*, p. 27-30.

<sup>841</sup> *Ibid.*, p. 27.

<sup>842</sup> *Ibid.*, p. 28.

em toda a realidade salvadorenha<sup>843</sup>. Foi um profeta denunciando as injustiças e, sobretudo, sendo “a voz dos sem voz” em seus pronunciamentos e homilias, escritos e meios de comunicação. Neste sentido, escreve Jon Sobrino:

Evangelizou com a palavra, anunciando a Boa-Notícia do amor de Deus ao pobre, denunciando o opressor, escrevendo cartas pastorais para iluminar o país. Evangelizou com as obras, buscando o diálogo pela paz, através de organismos jurídicos e sociais, apoiando e protegendo os refugiados da guerra. Evangelizou com sua pessoa, com seu modo de ser, que foi um *eu-aggelion*, Boa-Notícia para as maiorias do país e para muitos outros que viviam fora do país<sup>844</sup>.

Ele buscou com todo empenho evangelizar todo o povo mediante sua densa mística e espírito de misericórdia com as vítimas da opressão. Propunha-se uma evangelização das estruturas<sup>845</sup>, mudar a economia, a política, as instituições de direito, de saúde e os meios de comunicação social além de propor uma evangelização começando *ad intra* eclesial como a estrutura da Igreja começando a partir das cúrias, das paróquias como redes de comunidades, das congregações religiosas inseridas no meio do povo, instituições educativas, vide os Colégios Católicos com novas perspectivas de engajamento social, dentre outros organismos sociais e eclesiais.

#### 7.4. Destino de martírio e ressurreição de Oscar Romero

A vida de Dom Oscar Romero teve como “fim último” o martírio, o qual Jon Sobrino considera como uma morte injusta, mas profundamente pascal à semelhança de Cristo. Como Jesus, Dom Oscar Romero carregou a cruz da realidade de dominação e opressão dos empobrecidos, vivendo uma espiritualidade de honradez com a realidade, carregando-a como cruz durante seu ministério episcopal até o dia de seu martírio. Assumiu seriamente a “opção pelos pobres” feita oficialmente em Medellín (1968) e Puebla (1979). Avocou com firmeza evangélica a defesa das vítimas da repressão e por isso fora perseguido pelos poderosos. Compreendia que, naquela realidade, não havia outra saída senão enfrentar corajosamente a causa dos oprimidos, pois segundo ele, “uma Igreja que

<sup>843</sup> Ibid., p. 30.

<sup>844</sup> Ibid., p. 30.

<sup>845</sup> Ibid., p. 32.

não sofre perseguição, senão que está desfrutando os privilégios e o apoio da terra, essa Igreja tem medo, não é a verdadeira Igreja de Jesus Cristo<sup>846</sup>”. Seguir a Jesus nestas condições foi um custo muito alto para ele. Enfrentou os conflitos reais com denúncias proféticas, com espírito de honradez, de fortaleza e de entrega carregando a cruz da realidade até o ápice do martírio, em 24 de março de 1980.

E por fim, a ressurreição por Dom Oscar Romero experimentada ao carregar o peso da realidade e a esperança de ressuscitar no seio de seu povo como ele disse pouco antes de o matarem: “Se me matarem, ressuscitarei no povo salvadoreño<sup>847</sup>”. Jon Sobrino, ao analisá-lo a partir de sua espiritualidade, destaca três sinais fortes de ressurreição na vida desse mártir.

O primeiro sinal é a liberdade face aos conflitos e defesa das vítimas do sistema repressivo. A liberdade para Dom Romero era fazer o Bem aos pobres e por isso, ele se achava um homem livre<sup>848</sup>. Sua liberdade vinha de sua ligação espiritual com Jesus bem como de sua convivência com seu povo. Eis por que podia dizer como Jesus, sobre sua vida de pastor: “ninguém tira a minha vida, eu a dou livremente” (Jo 10, 17-18).

O segundo sinal é a alegria de viver a serviço do povo pobre, de servir-lhes gratuitamente como o fez Jesus. Em meio aos conflitos, o pastor Romero vivia em paz e alegria sempre rodeado de seu povo pobre: crianças, camponeses e pessoas simples. Comenta Jon Sobrino ter dito ele uma vez, com altivez: “com este povo não custa ser um bom pastor<sup>849</sup>”.

E por último o sinal da esperança em meio aos desesperançados sobre a situação extrema de repressão. Comenta Jon Sobrino: “ele era um homem de esperança. Quando o interrogavam se havia saída para a situação, sempre dizia: ‘sim, há saída!’”. Com esta mística cristã da esperança, de alguém se entregando totalmente a Deus e à causa de seu Reino a começar pelos pobres, ele “triunfou sobre a resignação, a desesperança e o desencanto<sup>850</sup>”. Pode-se afirmar acertadamente que Dom Oscar Romero viveu fielmente as virtudes heróicas de um verdadeiro cristão santo.

---

<sup>846</sup> Ibid., p. 33.

<sup>847</sup> Ibid., p. 34.

<sup>848</sup> Ibid., p. 34.

<sup>849</sup> Ibid., p. 35.

<sup>850</sup> Ibid., p. 35.

## 7.5. Conclusão

Concluindo o sexto capítulo da terceira e última parte desta tese, o qual discorre sobre a identificação mística entre Jesus-servo de Deus e Dom Oscar Romero convém destacar a três grandes dimensões deste profeta-mártir, as quais se identificam com a de Jesus-servo tendo a perspectiva da Cristologia da Libertação de Jon Sobrino.

Primordialmente, fez-se uma pequena biografia de Dom Oscar Romero, desde o seu nascimento, sua vocação, sua missão passando por um processo longo de conversão até seu destino histórico do martírio. Uma conversão ocorrida depois de assumir o episcopado. A realidade de injustiças e violências por parte dos opressores levou a uma mudança radical de Dom Oscar Romero. De conservador contra os avanços da Igreja latino-americana passou a assumir uma Igreja de Comunhão e Participação optando pelos pobres, vítimas dos sistemas de opressão de El Salvador. Pode-se dizer que mediante a realidade de injustiças e violências contra o povo, o Espírito Santo converteu Dom Oscar Romero. A partir dessa conversão, Oscar Romero torna-se um cristão, um padre e um bispo misticamente novo identificado com Jesus-servo e profeta de Deus. Passou a viver o mistério da encarnação do *Logos* – Filho de Deus - em sua própria vida. Encarnou Jesus Cristo em seu modo de ser e agir. Viveu misticamente sua fé/fidelidade com Jesus que se pode, com certeza, afirmar como Paulo: “Já não sou eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim” (Gl 2, 20a). Viveu também esse esponsal místico e solidário como a Igreja dos empobrecidos vitimados de El Salvador. Em sua missão de evangelizar pregando o Reino de Deus, atuou com firmeza de fé e honradez de profeta sendo a “voz dos sem voz” como afirma Jon Sobrino. Evangelizou pela palavra e pelo testemunho de vida tanto dentro como fora da Igreja. Teve como seu destino histórico e “fim último” o martírio como assim também ocorreu com Jesus. Sua experiência de ressurreição, mesmo em vida se manifestava na convivência com os pobres, vivendo em plena liberdade, alegria e esperança, sinais vivos do Reino de Deus.

Por fim, versou-se sobre a entrega totalmente de Dom Oscar Romero à causa do Reino por isso “triunfou sobre a resignação, a desesperança e o desencanto” como afirma Jon Sobrino.